



ROTEIROS DE TURISMO RURAL: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI/RS

Verenice Zanchi¹
Carlise Schneider Rudnicki²
Virginia Elisabeta Etges³

Resumo

Este artigo busca compreender os conflitos e contradições que permeiam o debate sobre a relevância do Turismo Rural na atualidade, tendo como referência a implementação de roteiros de Turismo Rural na região do Vale do Taquari/RS. Essa região caracteriza-se pela presença de sistemas integrados de produção de aves, suínos, leite e tabaco, que condicionam a dinâmica de desenvolvimento da mesma. Para entender a relevância das atividades de Turismo Rural, enquanto alternativa de geração de renda aos agricultores familiares da região, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e em profundidade. Os

Recebimento: 25/4/2017 • Aceite: 8/5/2017

¹ Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES. Santa Cruz do Sul - RS, Brasil. E-mail: verenice.zanchi@gmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Rural//UFRGS. Professora Adjunta no Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria - RS, Brasil. E-mail: carllise@hotmail.com

³ Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Santa Cruz do Sul - RS, Brasil. E-mail: etges@unisc.br

resultados evidenciam que para 79% dos entrevistados o Turismo Rural é uma atividade rentável, que propicia oportunidades de trocas culturais e sociais advindas do contato com os turistas. As maiores dificuldades encontradas pelos empreendedores do segmento são a falta de apoio do setor público e a falta de valorização por parte da comunidade local.

Palavras-chave: Desenvolvimento Regional. Turismo Rural. Agricultura Familiar. Renda.

RURAL TOURIST ROUTES: CONFLICTS AND CONTRADICTIONS IN THE REGION OF THE VALE DO TAQUARI/RS

Abstract

This article seeks to understand the conflicts and contradictions that permeate the debate on the relevance of Rural Tourism in the present time, with reference to the implementation of rural tourism routes in the Vale do Taquari/RS region. This region is characterized by the presence of integrated poultry production systems, pigs, milk and tobacco, which determine the dynamics of development of the region. In order to understand the relevance of rural tourism activities, as an alternative to generating income for the surveyed family farmers, semi-structured and in-depth interviews were conducted. The results show that for 79% of the respondents Rural Tourism is a profitable activity, which provides opportunities for cultural and social exchanges from contact with tourists. The main difficulties encountered by entrepreneurs of the segment are lack of support from the public sector and the lack of support by the local community.

Keywords: Regional Development. Rural Tourism. Family Farming. Income.

Introdução

Este artigo busca compreender os conflitos e contradições que permeiam o debate sobre a relevância do Turismo Rural na atualidade, tendo como referência a implementação de roteiros de Turismo Rural na região do Vale do Taquari/RS. Essa região caracteriza-se pela presença de sistemas integrados de produção de aves, suínos, leite e tabaco, que condicionam a dinâmica de desenvolvimento da mesma. Nesse contexto, tem-se o turismo rural como estratégia de desenvolvimento regional enquanto possibilidade de diversificação de atividades e de geração de renda entre os agricultores familiares da região.

A região do Vale do Taquari é formada, principalmente, por pequenas propriedades, as quais foram impactadas pelos avanços e retrocessos ocorridos durante o desenvolvimento das regiões rurais no país, nas décadas de 1970 e 1980. Posteriormente, a globalização trouxe consigo outros efeitos negativos, como: o abandono e a marginalização de uma grande parcela da população, decorrentes da concentração de recursos direcionados, principalmente, aos grandes produtores rurais.

O turismo rural tem avançado ao longo das últimas duas décadas, inspirado, sobretudo, nas experiências europeias. Trata-se de uma das modalidades de turismo que tem recebido frequente destaque, tanto por parte das famílias rurais – como complemento de renda – quanto por parte de pessoas que vivem nos centros urbanos, que buscam o contato com a natureza. Outro aspecto que pode surgir a partir da implantação do turismo se refere às mudanças na qualidade de vida dos moradores, como, por exemplo, a reativação do sentimento de pertencimento e a possibilidade da permanência das famílias no campo.

Pode-se afirmar que a atividade turística está em expansão, uma vez que pesquisas recentes do Ministério do Turismo revelam que o fluxo de turistas no Rio Grande do Sul cresceu em média 9% entre os anos de 2000 e 2010 (FGV, 2012). Atrelada a esse crescimento está a demanda por regiões com forte apelo paisagístico, histórico e cultural, encontradas, principalmente, em áreas rurais, nas quais o visitante busca recompor-se, redescobrir valores, costumes e a interação com os moradores (ALVES, 2002).

A escolha deste espaço geográfico se justifica por razões históricas, sociais e culturais, que remontam à época da colonização.

Nos 37 municípios⁴ mapeados, destacamos o “Roteiro Delícias da Colônia”, a “Rota Germânica de Teutônia” e a “Rota da Erva Mate”. Verificamos que 41% dos municípios da presente pesquisa estão envolvidos com o turismo da região.

A implementação do turismo rural é relativamente recente, se considerarmos que o roteiro mais antigo, a Rota Germânica de Teutônia e Westfália, foi inaugurado em 2001. O mais recente, a Rota da Erva Mate, foi implementado em 2010. Cabe pontuar que a atividade turística, inicialmente, não substitui a agrícola, mas surge como alternativa de renda complementar e convive de forma integrada com outra(s) atividade(s).

Para compreender os conflitos e as contradições que permeiam esse debate, optou-se por uma pesquisa qualitativa, tendo como técnicas a entrevista em profundidade e semiestruturada, combinando perguntas fechadas e abertas. Os entrevistados foram convidados a falar livremente. Além da busca de dados secundários no banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE), aprofundamos as reflexões a partir de fontes bibliográficas, especialmente em livros, artigos científicos, teses e dissertações sobre o tema.

O turismo rural como estratégia de desenvolvimento regional no contexto da globalização

Conforme Haesbaert (1999), todo espaço pode ser considerado objeto de regionalização. Se na contemporaneidade somos impelidos a pensar na aldeia ou sociedade global, para o autor tais expressões revelam a reorganização dos espaços geográficos. Tendo a regionalização como objeto de análise, é a diversidade (e os conflitos decorrentes do exercício de alteridade) de um território que importa destacar em nossas reflexões; ou ainda, podemos sublinhar a ideia de cultura como uma teia de (re)significações dos códigos estabelecidos (GEERTZ, 2008). E mais, conforme os arranjos organizacionais instituídos e legitimados.

O turismo vem ganhando destaque no cenário do desenvolvimento regional, principalmente como uma alternativa de enfrentamento às adversidades socioeconômicas vividas pelos agricultores familiares, decorrentes do modelo de integração

⁴ Destes destacamos 15 municípios que integram os roteiros de turismo rural da região: Anta Gorda, Arvorezinha, Colinas, Coqueiro Baixo, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Ilópolis, Imigrante, Itapuça, Nova Bréscia, Putinga, Relvado, Teutônia e Westfália.

promovido pelo segmento agroindustrial da região. Essas dificuldades também decorrem, ainda, do processo de mecanização da produção, mais precisamente da Política de Crédito Agrícola brasileira das décadas de 1970 e 1980, a qual estava direcionada a atender médios e grandes produtores rurais (Schneider, 1999; SILVA, 1999).

Diante desse contexto, após as décadas de 1970 e 1980, importantes questões são pensadas em termos de estratégias, como o grau de autonomia dos agricultores e as relações de poder, que, por sua vez, estão imersas nas relações estabelecidas entre cooperativas, empresas, instituições e agricultores (Schneider, 2011). Na mesma década foi organizado um debate acerca do turismo entre governo, iniciativa privada, academia e sociedade, do qual resultaram mudanças nas políticas públicas do setor, como a criação do Plano Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT.

Nesse contexto de mudanças dos anos 1990 o turismo foi introduzido na região do Vale do Taquari, tendo como objetivo contribuir com o processo de diversificação de fontes de renda para os agricultores familiares.

O desenvolvimento regional é um “processo em curso com três cenários independentes e de recente configuração: há um cenário *contextual*, um cenário *estratégico* e um novo cenário *político*” (BOISIER, 1996, p. 113). Tal situação, para o autor, decorre de um lado, do processo de abertura externa – econômico –, impelido pela força da globalização; por outro, devido ao processo de abertura interna – político –, impulsionado pela força da descentralização. A abertura interna tem como objetivo proporcionar à população condições de “equidade”, distribuindo os lucros da abertura externa e de “participação”, outorgando à população o papel de agente na definição de opções políticas de cada território (BOISIER, 1996).

A partir da década de 1970, o desenvolvimento regional adquiriu novo enfoque, passando a ser visto de “dentro para fora”, ou seja, endógeno. Trata-se de “[...] uma estratégia de diversificação e de enriquecimento das atividades sobre um dado território com base na mobilização de seus recursos (naturais, humanos e econômicos) e de suas energias [...]” (BENKO, 1999, p. 228). Já nos anos 1990, com os movimentos da globalização, percebemos uma tendência à especialização das regiões. Na mesma época, o Estado deixou de atuar como indutor do desenvolvimento (ACSELRAD, 2008) e os Estados nacionais passaram a se reconfigurar com menor autonomia, já que as regiões surgem como novos atores na disputa pelo capital internacional (BOISIER, 1998).

O desenvolvimento é um processo resultante de variadas e complexas interações sociais, que deve promover “[...] a ativação de recursos materiais e simbólicos e a mobilização de sujeitos sociais e políticos buscando ampliar o campo de ação da coletividade, aumentando a sua autodeterminação e liberdade de decisão” (BRANDÃO, 2004, p. 70).

No contexto do desenvolvimento regional, a relação com o território ocorre na medida em que a sociedade molda o espaço de acordo com suas necessidades e insere suas características. Em suma, desperta o sentimento de pertencimento. De acordo com Santos, (2000, p. 104), “*território usado* [...] é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas relações humanas”.

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação sócio espacial e o mundo (SANTOS, 2000, p. 104).

Nesse sentido, o território é uma profunda interação entre o que está na base da superfície do planeta e a forma como o homem se ali se coloca; um espaço em constante processo de transformação, um campo de forças de contradições entre o vertical⁵ e o horizontal⁶, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos (ETGES, 2001).

Por conseguinte:

[...] para promover o desenvolvimento regional no contexto da realidade atual é preciso estar atento à dimensão horizontal do processo, conhecer, em profundidade a região em questão, identificar suas potencialidades e construir instrumentos de coesão social em torno de propósitos comuns à população envolvida. [...] com o olhar voltado para

⁵ Para Santos (1999), as verticalidades sugerem que existem pontos no espaço, que separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade.

⁶ As horizontalidades, por sua vez sugerem que existem segmentos formados a partir de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região (SANTOS, 1999).

dentro do território, identificando e fomentando as suas reais potencialidades, e a partir daí projetá-lo para fora, para o contexto do mundo globalizado (ETGES, 2001, p. 363-364).

Nesse sentido, “[...] as regiões são o suporte e a condição das relações globais que de outra forma não se realizariam”, já o processo de homogeneização, decorrente da globalização, estimula as diferenças regionais (SANTOS, 1999, p. 196). Em outras palavras, criam-se identidades regionais que constroem o sentido de pertencimento, e, com isso, abrem-se múltiplas possibilidades de recortar a superfície terrestre. Dentro dessa concepção, fortalecer as regiões é uma das formas de frear o lado perverso da globalização.

Portanto,

Construir socialmente uma região significa potencializar sua capacidade de auto-organização, transformando uma sociedade inanimada, segmentada por interesses setoriais, pouco perceptiva de sua identidade territorial e definitivamente passiva, em outra, organizada, coesa, consciente de sua identidade, capaz de mobilizar-se em torno de projetos políticos comuns, ou seja, capaz de transformar-se em sujeito de seu próprio desenvolvimento (ETGES, 2001, p. 362).

Considerando que o desenvolvimento de uma região depende da sua capacidade de articulação horizontal, o turismo, enquanto potencialidade, tem recebido destaque nos debates sobre as novas abordagens de desenvolvimento.

Assim, surge e cresce a demanda por férias e passeios em regiões com paisagens surpreendentes, e locais que mantêm preservadas a cultura e a história (COOPER [Fletcher](#), [Wanhill](#), [Gilbert](#), [Shepherd](#), 2001). Ou seja, o turista contemporâneo tem buscado a harmonia e o equilíbrio, que também são encontrados nas atividades do meio rural. Vivemos em um momento histórico que valoriza os recursos naturais e culturais, muito devido à globalização que massifica gostos e tendências (CRUZ, 2003).

É nesse momento de valorização do meio rural, das potencialidades dos lugares, que o turismo tem sido considerado pelo

agricultor uma atividade econômica complementar. Além do potencial econômico, o turismo caracteriza-se pela facilidade de criar postos de trabalho devido à diversidade de atividades ligadas a ele no meio rural. Dentre elas estão a produção de alimentos caseiros (tais como: pães, bolos, cucas, roscas, entre outros), os restaurantes de comidas típicas, o artesanato, os passeios, as trilhas para caminhadas ecológicas, entre outras (SCHNEIDER e FIALHO, 2000).

Molina (1997, p. 30) acrescenta ao conceito de turismo elementos imateriais, ao afirmar que o turismo “[...] contribuye al rescate y la conservación de usos y costumbres locales, de manifestaciones folclóricas y artesanales”. Os bens imateriais, por seu nível de subjetividade/singularidade, são destacados pelos turistas no momento da escolha do destino. Ao abrir a porteira da propriedade, o agricultor passa por um processo de troca cultural. O cotidiano das famílias rurais depende, então, não apenas do dinamismo do setor agrícola, mas da capacidade de atrair outras atividades econômicas. O conhecimento local é, dessa forma, um dos principais recursos utilizados na formatação do produto turístico rural. Portanto, é preciso reconhecer que entre os agricultores e suas famílias existe um saber, um conjunto de conhecimentos que, embora não sendo de natureza científica, reveste-se de grande importância na compreensão da realidade vivida. (CAPORAL e COSTABEBER, 2001).

Além disso, o campo do turismo vai além do enfoque econômico e retrata a satisfação das pessoas envolvidas com o produto turístico, seja de quem o produz ou de quem o consome (BENI, 2002). Participar de um roteiro pode ser considerado uma alternativa de diversificação de atividades dentro da pequena propriedade rural, o que pode acarretar em complemento da renda e possibilitar melhorias em termos de bem-estar dos agricultores familiares. E conseqüentemente, a permanência dessas famílias no meio rural.

Procedimentos metodológicos

Pesquisar é a atividade científica através da qual buscamos compreender a realidade. Torna-se evidente que essa realidade não se desvenda na superfície, ou seja, não é o que aparenta à primeira vista. “É um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotado” (DEMO, 1985, p.23).

Portanto, para compreender os conflitos e contradições que permeiam o campo científico, nos apropriamos do método de abordagem dialética, posto que pesquisar significa procurar respostas para as indagações propostas. A abordagem dialética une, “[...] a

proposta de analisar os contextos históricos, as determinações socioeconômicas dos fenômenos, as relações sociais de produção e de dominação com a compreensão das representações sociais” (MINAYO, 2010, p. 24).

Por esse ângulo, chegamos à compreensão de que cada sociedade existente se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular. Decorrente disso, vive o presente fortemente marcado pelo seu passado e, com as mesmas determinações, constrói seu futuro, em uma dialética constante entre o que está dado e seu protagonismo (MINAYO, 2010). Assim, a fonte primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos (MINAYO E SANCHES, 1993).

Por meio da pesquisa qualitativa, entendemos que há uma relação provisória, dinâmica e repleta de especificidades entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. Nesse contexto, o método qualitativo é uma abordagem capaz de captar o sentido, o significado, as representações que os sujeitos sociais têm dos fenômenos. Portanto, sendo ela descritiva, o processo e seu significado são os focos principais de abordagem (MINAYO E SANCHES, 1993).

Para May (2004, p. 148), nas entrevistas semiestruturadas “as perguntas são normalmente específicas, mas o entrevistador está mais livre para ir além das respostas” para buscar esclarecimento quanto à elaboração da resposta dada. O que permite estabelecer um diálogo com o entrevistado. Juntamente com a pesquisa qualitativa, a pesquisa documental permite ao pesquisador reforçar o entendimento, fazer comparações, assim como fornecer materiais sobre os quais fundamentar a investigação. Ao mesmo tempo, as fontes documentais podem ser utilizadas por seu próprio mérito (MAY, 2004).

Desse modo, nessa investigação, utilizamos a pesquisa qualitativa, com o uso das seguintes técnicas: entrevista semiestruturada, com perguntas fechadas e abertas e entrevista em profundidade, na qual o entrevistado foi convidado a falar livremente. O instrumento de pesquisa consiste em dois roteiros, um direcionado aos empreendedores e outro dirigido aos demais entrevistados. Foram utilizados dados secundários, obtidos junto a bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Com vistas a demonstrar as correlações entre as repercussões dos roteiros no cotidiano dos empreendedores, das comunidades e da

região onde estão inseridos, examinamos o processo de implementação e caracterização destes no meio rural e investigamos seu potencial de geração de renda e qualidade de vida. Portanto, com a presente pesquisa, buscamos contribuir para a compreensão da relação entre a realidade social, econômica e cultural vivida pelos agricultores familiares da região e o desenvolvimento do turismo rural.

Para alcançar tal compreensão, caracterizamos o processo de constituição dos roteiros de turismo rural, investigamos a potencialidade de geração de renda a partir da atividade turística realizada pelos empreendedores rurais participantes dos roteiros, e analisamos o processo de territorialização destes roteiros na região.

O recorte espacial da pesquisa teve como base a divisão dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDE), que entendemos ser a mais adequada. Com o recorte definido, procedemos a uma pesquisa documental junto à Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul (SETUR/RS) e da Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales (AMTURVALES), com vistas a identificar os roteiros de turismo rural no Vale do Taquari.

Desse modo, chegamos ao total de atrativos e empreendimentos de cada roteiro. Na sequência, selecionamos os empreendedores entrevistados, o que ocorreu com a ajuda de informantes qualificados (turismólogas responsáveis pela AMTURVALES). Durante o processo de seleção dos entrevistados, buscamos identificar quais indivíduos tinham vínculos mais significativos com o problema a ser investigado.

Foram entrevistados, ainda, o presidente da AMTURVALES, os presidentes dos roteiros com associação e, nos demais casos, um dos membros mais antigos. Especificamente, no caso da Rota da Erva Mate, cuja gestão é pública, entrevistamos a turismóloga responsável e no caso da Rota Delícias da Colônia foi entrevistado o seu idealizador.

As entrevistas foram realizadas presencialmente, durante o ano de 2012, sendo que cada entrevistado definiu local, data e horário. Além das entrevistas, foram realizados registros fotográficos das propriedades. Cabe destacar que as entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos entrevistados. A fim de garantir a confidencialidade, as entrevistas foram numeradas e assim serão nominadas no texto.

O turismo rural na região do Vale do Taquari

A região é composta por uma diversidade histórica e cultural decorrente da presença de resquícios dos povos indígenas e da

colonização portuguesa, italiana e alemã, ocorrida a partir do século XIX.

Os espaços exprimem fortes traços da influência da colonização na arquitetura, na língua, na culinária, nos usos e costumes. O Vale está geograficamente localizado na encosta do planalto meridional.

É oportuno acrescentar que a atividade turística no território se encontra conectada à agricultura familiar. Seus descendentes preservam os traços culturais que se refletem nos costumes, na arquitetura, na gastronomia e no artesanato. Tal patrimônio imaterial reforça o potencial turístico. De acordo com a classificação utilizada por Beni (2002), identificamos nos roteiros analisados atrativos naturais, históricos, culturais, manifestações e usos tradicionais e populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados.

No que tange aos roteiros, destacamos a Rota Germânica de Teutônia e Westfália, a Rota da Erva Mate e o Roteiro Delícias da Colônia. Os três roteiros disponibilizam aos turistas cerca de 80 atrativos, distribuídos pelos 15 municípios.

A Rota Germânica de Teutônia e Westfália iniciou com a fundação da Associação da Rota Germânica de Teutônia, em 2001. Foi a primeira rota turística do Vale do Taquari, com o objetivo de proporcionar ao turista uma imersão na cultura alemã.

A Rota da Erva Mate tem como objetivo valorizar o patrimônio cultural e artesanal de 10 municípios da região alta do Vale do Taquari. A principal temática é a erva-mate, que possui elevada importância econômica na região. Nessa rota, representada pela gastronomia, arquitetura e elementos religiosos, o turista encontra atrativos ligados à herança da cultura italiana.

O Roteiro Delícias da Colônia propõe passeios pela área agrícola, pontos históricos, gastronômicos e artesanais, como por exemplo, o alambique Berwanger, onde é oportunizado ao visitante acompanhar o processo da destilação da cachaça. Nesse roteiro também participa o Cactário Horst, o maior da América Latina.

Ao analisarmos a trajetória dos roteiros percebemos que sua implementação tem compreendido um processo lento. Os entrevistados consideram positivas as mudanças advindas da implementação da atividade turística em suas propriedades. Dentre as mudanças ressaltadas estão o contato com outras pessoas, as mudanças na estrutura interna dos empreendimentos e o aumento da renda familiar.

Com relação às melhorias percebidas pelas famílias, identificamos nas falas que as trocas culturais proporcionam a união da família e a melhora da autoestima, como segue: “é gratificante,

porque o turista reconhece” (empreendedor 4); “os turistas motivam” (empreendedor 6); e, “o turismo trouxe a questão de abrir a mente” (empreendedor 7). Percebemos que o turismo rural, além de gerar renda, também pode empoderar a família rural e influenciar comportamentos.

Diante do exposto, verificamos que os agricultores percebem mais o desenvolvimento social do que o crescimento econômico. A atividade turística no meio rural pode ser considerada uma forma viável de enfrentamento das adversidades econômicas e sociais vividas nas localidades rurais.

Constatamos que todos os entrevistados mantêm outras atividades na propriedade, além do turismo. Dos 14 entrevistados, apenas três afirmaram que o turismo não acrescentou renda. Ou seja, 79% dos entrevistados apontam que o turismo é rentável. Entendemos que, apesar das dificuldades enfrentadas, os empreendedores acreditam no potencial de geração de renda dos roteiros de turismo rural. Também que há grande disparidade na renda advinda do turismo, pois entre os empreendedores a mesma varia de 0 a 80% na composição total.

Outra discussão relevante se refere à falta de investimento público, considerado o maior obstáculo para o desenvolvimento do turismo na região. Os principais entraves, na visão das famílias são a pouca divulgação, a falta de infraestrutura, a falta de valorização da comunidade local e a falta de sinalização destinada aos turistas.

Na fala do entrevistado 1 é possível identificar a relação de proximidade entre o roteiro e o setor público:

[...] o roteiro foi formatado pelo Departamento de Turismo do município. Os primeiros processos foram de reunião com todos os empreendedores [...]. Contudo, durante o processo de formatação, que durou aproximadamente dois anos, foi identificada a necessidade de ampliação e assim, o roteiro passou a integrar os empreendimentos interessados dos municípios [...].
(ENTREVISTADO 1).

Já na fala do entrevistado 2 fica evidente a relação de proximidade e de dependência que o roteiro tem com o setor público:

[...] fez-se um estudo para descobrir a nossa vocação e os pontos positivos e a partir daí, foram elencadas as possibilidades de projetar um roteiro de empreendedores. Foi criada em 26 de outubro de 2001 e, partiu da Secretaria da Cultura do município [...]. Entre 2001 e 2004 andou bem, havia reuniões mensais, engajamento dos empreendedores, planejamento e movimento turístico. Depois, entre 2004 e 2008, esteve estagnada. Este período de estagnação é decorrente do fato da rota estar ligada a Secretaria de Turismo no município, uma vez que o prefeito na época não deu ênfase ao turismo. Esta ruptura fez parar tudo e houve um retrocesso. Receberam no período de um ano as visitas que eram recebidas em um mês. Nos últimos quatro anos (2008-2012), retornaram as reuniões, há engajamento, são feitas vistas a outros roteiros. Mas falta muito ainda, o roteiro deveria nadar sozinho, sem vínculo com a Secretaria de Turismo. A rota possuiu uma associação e passou a ser regional, após incluir os pontos turísticos do município vizinho [...]. (ENTREVISTADO 2).

A trajetória dos roteiros a partir dos depoimentos destacados confirma a constatação de que a implementação destes na região é um processo lento e que os resultados demoram a aparecer. Fica evidenciado que, em sua maioria, os roteiros sofrem influência direta das prefeituras e que a ajuda financeira destas, quando chega, é sempre importante. Apesar de entenderem que precisam ser autônomos, para não ficarem à mercê das oscilações políticas, também sabem que o caminho é longo e por estarem no início, tal apoio é imprescindível, principalmente no que tange à infraestrutura, material de divulgação e sinalização. O entrevistado 2 revela que o roteiro do qual faz parte passou por um período de estagnação. Destacamos que o roteiro foi relançado após uma reestruturação e ampliação de sua abrangência, com a inclusão de mais um município.

A baixa renda advinda do turismo, principalmente nos primeiros anos, mostrou-se fator fundamental na desistência de alguns empreendedores. Contudo, os que permanecem relatam que, a longo prazo, é possível garantir uma renda substancial dessa atividade.

Considerações finais

Os agricultores familiares têm percebido nas atividades turísticas uma alternativa de renda a fim de permanecerem no campo. Entretanto, contradições permeiam seu cotidiano, dado que ainda carecem de planejamento e, acima de tudo, formas de organização social que sejam capazes de empoderá-los. Destacamos também que os entrevistados revelam a importância do turismo para além do incremento da renda: para eles a atividade turística propicia oportunidades de trocas culturais e sociais advindas do contato com os turistas. Ainda sobre a renda, cabe destacar que todos os empreendimentos entrevistados possuem mais de uma fonte de renda, além da atividade turística, confirmando a sua característica de propriedades diversificadas.

Os roteiros são influenciados, diretamente, pelo perfil político das prefeituras, que varia de acordo com cada mandato, uma vez que algumas gestões direcionam verbas públicas voltadas a melhorias na infraestrutura de acesso aos empreendimentos, para divulgação, sinalização, por exemplo, enquanto não investem na qualificação dessa atividade.

Também foi destacada a falta de valorização por parte da comunidade local, o que, segundo Boisier (1998), significa um sério entrave desenvolvimento.

Consideramos que os aspectos culturais e históricas que caracterizam os usos e costumes, a arquitetura, a gastronomia e o artesanato, ou seja, os bens imateriais preservados pelos descendentes dos colonizadores, bem como a peculiaridade geográfica que compõem o turismo rural da região, o colocam no rol de atividades com potencial de promover o desenvolvimento da região.

Sendo assim, o turismo rural é aqui entendido como possibilidade e discurso de estratégia de desenvolvimento regional. A justificativa é o fortalecimento da região, a partir de um discurso econômico que se atualiza na/pela sociedade.

O turismo rural, para alguns, tornou-se o meio de se manter no meio rural após a aposentadoria. Nesse contexto, a atividade tem se desenvolvido no território como discurso econômico e como uma tentativa de reorganização social. Dentre as melhorias mencionadas pelos entrevistados destaca-se a união da família, o aumento da autoestima e a troca cultural.

O processo de territorialização dos roteiros de turismo rural na região do Vale do Taquari permitiu identificar a proximidade dos roteiros no território, o que possibilita ao turista percorrer mais de um

no mesmo final de semana, uma vez que, com exceção da Rota da Erva Mate, os roteiros podem ser visitados em um único dia. Outro ponto relevante diz respeito à acessibilidade, uma vez que todos os roteiros iniciam, terminam ou estão muito próximos das principais rodovias que atravessam o Estado.

A partir da experiência de implementação de roteiros de Turismo Rural na região do Vale do Taquari/RS constatamos que, mediante o reconhecimento das particularidades sócio- históricas, econômicas, culturais e ambientais que dão forma à diversidade do território, há um vasto campo de potencialidades para o desenvolvimento desse segmento, não só como atividade geradora de renda, mas, acima de tudo, de valorização do território.

Referências

ACSELRAD, H. Sustentabilidade e articulação territorial do desenvolvimento brasileiro. In: Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2; 2008, Santa Cruz do Sul. **Anais ...**Santa Cruz do Sul: UNISC, 2008.p. 1-46.

ALVES, H. F. I. Turismo, identidade e valorização da produção local. In: **Anais do III Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.seplan.rs.gov.br/conteudo/3366/atlas-socioeconomico-do-estado-do-rio-grande-do-sul/termosbusca=atlas>> Acesso em: 26ago. 2015.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOISIER, S. Teorías y metéforas sobre desarrollo territorial. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, Valdivia, n. 2, p. 5-18, 1998.

BOISIER, S. Em busca do esquivo Desenvolvimento Regional: entre a caixa-preta e o projeto político. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 13, p. 111-143, 1996.

BRANDÃO, C. A. Teorias, estratégias e políticas regionais e urbanas recentes: anotações para uma agenda de desenvolvimento

territorializado. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 107, p. 57-76, 2004.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. In: ETGES, Virginia E. **Desenvolvimento rural: Potencialidades em questão**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

COOPER, C.; [Fletcher](#), J. [Wanhill](#), S; [Gilbert](#), D; [Shepherd](#), R. **Turismo: princípios e práticas**. Porto Alegre: Bookmann, 2001.

CRUZ, R. de C. A. da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

ETGES, V. E. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, O. P.; SILVEIRA, R. L. L. (Orgs.). **Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

Fundação de Economia e Estatística. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Economia. Agricultura. Milho. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/>>. Acesso em: 26ago. 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAESBAERT, R. **Região, diversidade territorial e globalização**. Niterói: DEGEO/UFF, 1999.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia para suplanificación**. México: Universidad Anáhuac, 1997.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Plano de Desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Sul 2012 – 2015**. Rio de Janeiro: FGV Projetos, 2012.

IBGE. **Malhas digitais. Municípios 2010**. Disponível em: <http://downloads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm>. Acesso em: 22 ago. 2015.

IBGE. **Mapas municipais estatísticos**. Edição 2011. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_para_fins_de_levantamentos_estatisticos/censo_demografico_2010/mapas_municipais_estatisticos/rs>. Acesso em: 18 jul. 2015.

IBGE. **Produção agrícola municipal: Banco de dados agregados do IBGE**.

Disponível em:
<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1612&z=p&o=29>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Porto Alegre: Armed, 2004.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. *Quantitative and Qualitative Methods: Opposition or Complementarity?* Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

RIO GRANDE DO SUL. **Perfis Socioeconômicos por COREDEs**. Perfil Socioeconômico COREDE Vale do Rio Pardo, 2015. Disponível em: <<http://www.seplan.rs.gov.br/conteudo/4947/Perfis-Socioeconomicos-por-COREDEs>> Acessado em 17 jun. 2015.

SANTOS, M. O Papel Ativo da Geografia – um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, n.9, p.103-109, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

SCHNEIDER, S.; FIALHO, M.A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru – SP, EDUSC, 2000.

SETUR - **Secretaria de Turismo do Rio Grande do Sul**. Disponível em <<http://www.turismo.rs.gov.br>>. Acessado em 15 jun. 2015.

SILVA, J. G. da. **Tecnologia & agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.